



A GEOGRAFIA CULTURAL E A HISTÓRIA: UMA LEITURA A PARTIR DA OBRA DE DAVID LOWENTHAL

■ WERTHER HOLZER - DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA / UFF

RESUMO

O TEXTO EXPLORA, NA TRAJETÓRIA DE LOWENTHAL, A RECORRÊNCIA DA DISCUSSÃO SOBRE CONCEITOS ESPACIAIS, EM ESPECIAL OS DE AMBIENTE E PAISAGEM, A PARTIR DE UM ENFOQUE NO QUAL A HISTÓRIA E A MEMÓRIA SÃO O FIO CONDUTOR DA ANÁLISE QUE PROCURA ESCLARECER O PAPEL DA EXPERIÊNCIA E DA IMAGINAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DAS NOÇÕES GEOGRÁFICAS. NESTA ANÁLISE SÃO ENFOCADAS ALGUMAS OBRAS IMPORTANTES DO AUTOR, COMO GEORGE PERKINS MARSH: VERSATILE VERMOUNTER, THE PAST IS A FOREIGN COUNTRY E GEORGE PERKINS MARSH: PROPHET OF CONSERVATION, EM QUE É RETOMADA A VISÃO DE LOWENTHAL DA GEOGRAFIA COMO AQUELA QUE, JUNTO COM A HISTÓRIA, ESTUDA SEMPRE UM PAÍS ESTRANGEIRO, MOSTRANDO QUE AS AÇÕES HUMANAS PODEM TER CONSEQÜÊNCIAS INIMAGINÁVEIS SOBRE O ESPAÇO E NOSSAS VIDAS.

PALAVRAS-CHAVE: DAVID LOWENTHAL, GEOGRAFIA CULTURAL-HUMANISTA, GEOGRAFIA HISTÓRICA.

Minha proposta aqui é abordar as relações entre a Geografia Cultural e a História, a partir da obra de David Lowenthal e conseqüentemente de George Perkins Marsh e Carl Sauer. Escolhi como parâmetro inicial de análise a proposta de Peirce Lewis para aquilo que chamou de "axioma histórico":

Ao tentar decifrar o significado de paisagens contemporâneas e do que 'falam' sobre nós (...), a História nos interessa. Ou seja, fazemos o que fazemos e produzimos o que produzimos, porque nossos fazeres e produtos são herança de nosso passado (...). Grande parte da paisagem comum foi construída por pessoas no passado, cujos gostos, hábitos, tecnologia, opulência e ambição eram diferentes dos nossos. (...) Para compreender estes objetos é necessário entender as pessoas que os construíram — nossos ancestrais

culturais — em seu contexto cultural, não no nosso (Lewis, 1979:23).

De que História Lewis fala? Certamente não só daquela voltada para as grandes estruturas temporais ou cronológicas, para os fatos tratados, digamos, no atacado, mas também, e principalmente, de ocorrências menores, do cotidiano, dos fatos guardados na memória, das versões, dos vestígios, que vão permitir uma aproximação com a paisagem em que palpita o mundo vivido dos que lá estão ou estiveram. Fala de um movimento de renovação da Geografia Cultural, ansiosa por um aprofundamento conceitual das questões relativas ao espaço e ao tempo.

Um dos caminhos desta renovação se autodenominou Geografia Humanística ou, como preferiu Tuan a partir de um certo momento, Cultural-Hu-

manista, com a proposta de valorizar especialmente dois conceitos espaciais, lugar e paisagem, que podem, e devem, ser respectivamente associados à memória e ao "mundo vivido".

Na investigação aqui proposta há um parâmetro teórico-fenomenológico orientando a discussão. Refere-se à espacialidade humana, remetendo-se às facticidades, como observa Merleau-Ponty:

O espaço e, geralmente, a percepção marcam no coração do sujeito o fato de seu nascimento, a contribuição perpétua de sua corporeidade, uma comunicação com o mundo mais velha que o pensamento — a posição de um nível é o esquecimento desta contingência e o espaço está assentado sobre nossa facticidade — não é o objeto nem a operação constituinte (1971:260).

A busca da facticidade envolve a memória dos fatos diluídos no tempo, que nos remete à uma História possuidora de um fundamento fenomenológico. Uma História que pode estar voltada para o estudo do tempo e da memória na construção de uma epistemologia, para não dizer ontologia, da Geografia.

Merleau-Ponty (1973), referindo-se a Husserl, aponta que na fenomenologia a primeira etapa do trabalho do historiador, como de todos os outros cientistas, é definir as categorias e essências nele envolvidas. Mas o estudo dos fatos não é em si suficiente para julgar uma idéia, o que não implica apenas uma reflexão sobre as essências, esquecendo-se das atividades cotidianas ligadas à existência. Deve-se procurar uma "gênese do sentido" (sinn genesis). No caso da História, esta busca não deve se reduzir a uma simples análise cronológica dos acontecimentos, mas sim colocar em perspectiva seus significados. Isto

seria a "História intencional", como a chamava Husserl, que pode ser associada à dialética: uma História que não se limita a estudar as características de determinada cultura ou civilização, mas que se refere ao "presente vivo" (lebendige gegenwart), ou seja, ao passado a que estamos vinculados. Essa História remete, antes de tudo, às vivências do passado, àquele "país estrangeiro" do qual os geógrafos não conhecem bem a língua e os costumes (Lowenthal, 1985).

David Lowenthal é mais que um precursor, é um dos principais idealizadores da hoje chamada Geografia Cultural-Humanista. Sua obra se consolida ao longo da década de 1960, caracterizando-se pelo vanguardismo de suas propostas e, como veremos adiante, contribuiu para os novos contornos ganhos pela Geografia. Também foi um agente importante naquele momento de franco intercâmbio em que a Geografia Cultural, direcionada por uma agenda de reconstrução teórico-conceitual, debateu seus princípios com a Geografia Comportamental, que começava a se consolidar como subcampo de pesquisas, muito mais devido à sua preocupação em desvendar o funcionamento da percepção humana (com uma busca constante da interdisciplinaridade no campo da Antropologia, Literatura e, principalmente, da Psicologia) do que pelas questões epistemológicas que eram fundamentais em seu pensamento.

Nascido em 1923, Lowenthal se graduou em Harvard, fazendo em seguida mestrado em História na Universidade de Berkeley. Sua tese de doutoramento foi orientada por Carl Sauer, defendida em Wisconsin e versava sobre George Perkins Marsh. Mais tarde, foi publicada pela Universidade de Colúmbia (Lowenthal, 1958). Em 1956 foi lecionar na Universidade das Índias Ocidentais, onde permaneceu até 1965 dividindo seu tempo com o Institute of Race Relations de Londres. Resultou desta experiência a publicação

do livro: *West Indians Society* (Lowenthal, 1972), além de alguns artigos (Lowenthal, 1961, 1973).

O ano de 1965 pode ser considerado um marco na carreira de Lowenthal: além da organização do Simpósio sobre Percepção Ambiental e Comportamento (realizado durante o 61º Encontro Anual da Associação de Geógrafos Americanos), foi agraciado com uma bolsa de estudos no Instituto Guggenheim, tornando-se professor visitante de Arquitetura da Paisagem em Harvard, lecionando também Ciências Políticas no MIT, Psicologia Comportamental na Universidade da Cidade de Nova Iorque, e Geografia, como professor visitante, em diversas universidades norte-americanas, entre elas Berkeley, Davis, Washington, Minnesota e Clark.

Em 1972 foi nomeado secretário da American Geographical Society, tornando-se também professor titular da University College de Londres, onde ainda permanece como professor emérito e pesquisador honorário. A década de 1980 marca a maturidade de sua obra com a publicação de *The Past is a Foreign Country* (1985), *The Heritage Crusade and the Spoils of History* (1997) e *George Perkins Marsh: Prophet of Conservation* (2000).

Esta sucinta biografia pretende apontar na trajetória de Lowenthal a recorrência da discussão sobre conceitos espaciais, em especial os de ambiente e paisagem, a partir de um enfoque em que a história e a memória são o fio condutor da análise que procura esclarecer, parafraseando o autor, o papel da experiência e da imaginação na construção de noções geográficas. Lowenthal direcionou suas pesquisas para o esclarecimento destas questões, balizando-se em autores como Carl Sauer, George Perkins Marsh, praticamente redescoberto em seu papel de pioneiro do moderno ambientalismo; John Kirtland Wright e sua geosofia, que se propõe a acompanhar as mu-

danças relativas aos conceitos geográficos a partir das variações das idéias no tempo.

Conforme uma proposição de Roberto Lobato Corrêa (1989), poderemos determinar a influência de Sauer sobre Lowenthal e a renovação da Geografia Cultural. Corrêa identifica três momentos distintos na obra de Sauer: *The Morphology of Landscape*, de 1925, um marco do rompimento com o determinismo ambiental; *Recent Developments in Cultural Geography*, de 1927, denotando um afastamento crescente da Geografia Corológica em direção à Geografia Cultural e Histórica, e *Foreword to Historical Geography*, de 1941, constituindo a versão madura de seu pensamento, em que se pode identificar a valorização dos elementos temporais e históricos como intervenientes da relação entre homem e paisagem.

Mesmo em 1925, Sauer apontava que os fenômenos territoriais são afetados pelo tempo (1983:318). Mais que isso, seu método corológico passava decididamente por questões temporais, como podemos depreender do seguinte trecho: "A literatura da Geografia, em sentido corológico, inicia-se como parte das primeiras sagas e mitos vividos no sentido de lugar e luta do homem contra a natureza" (Sauer, 1983:316-317).

Esta idéia foi reelaborada em *The Education of a Geographer*:

Além de denominar tais categorias geográficas, tanto físicas quanto culturais, excluída a linguagem popular, obtemos conhecimento retrospectivo de situações do passado a partir do estudo dos nomes próprios geográficos. O vocabulário geográfico local e em particular a toponímia de cada idioma constituem o substrato do aprendizado que ainda

espera ser explorado tanto pela identificação da variedade de nossos fenômenos quanto pelas visões culturais comparativas (Sauer, 1983:394).

A ênfase numa Geografia de não-geógrafos, referenciada em períodos de tempo diversos, pode ser atribuída à base teórica explicitamente enunciada por Sauer: "A tarefa da Geografia é concebida como o estabelecimento de um sistema crítico que inclua a fenomenologia da paisagem, de modo a captar todos os significados e cores da variada cena terrestre" (Sauer, 1983:217-220).

Sauer via na Geografia um meio particular de observar a expressão cultural, que a distinguia da Sociologia ou da Antropologia:

Existe um meio estritamente geográfico de se pensar a cultura, qual seja, como a marca dos trabalhos do homem sobre a área. Podemos pensar as pessoas associadas a uma área ou sobre uma área, como podemos pensá-las como grupos associados por linhagem ou tradição. Nos primeiro caso estamos pensando a cultura como uma expressão geográfica, composta por formas que são parte da fenomenologia geográfica (Sauer, 1983:326).

Em *Recent Developments in Cultural Geography*, essa marca dos trabalhos do homem sobre a paisagem é explicitamente correlacionada com a dimensão temporal: "Sob a influência de uma dada cultura, mesmo mudando através do tempo, a paisagem sofre desenvolvimento ou deformação, talvez atingindo mesmo o clímax do desenvolvimento, a não ser que o rejuvenescimento apareça com a introdução de novos elementos culturais" (Sauer, 1927:190). Está implícita uma preocupação "ecológica" com o destino das culturas e da própria humanidade:

Se há uma forma na qual estamos prontos para fazer a pergunta genérica na fase cultural de nossos estudos, é provavelmente esta: em que extensão o homem é um agente terrestre, isto é, por sua expressão territorial de cultura, vivendo harmoniosamente na natureza (simbioticamente), e em que extensão está fixando limites estreitos para as futuras gerações, vivendo além dos recursos obtidos nos sítios que ocupa? (Sauer, 1927:192).

Preocupação totalmente explicitada em um de seus últimos artigos:

A dimensão temporal tem sido parte do conhecimento geográfico. A Geografia Humana considera o homem um agente geográfico que utiliza e modifica seu meio-ambiente em um tempo não-recorrente de acordo com suas habilidades e desejos. Agora sabemos que não é o mestre de um ambiente ilimitado, mas que a intervenção tecnológica no mundo físico e em sua vida se converteu na crise de sua sobrevivência e de seus semelhantes (1981:285).

Podemos identificar claramente a relação entre orientador (Sauer) e orientando (Lowenthal), e seu interesse pela vida e obra de George Perkins Marsh, considerado o primeiro ambientalista dos Estados Unidos. Há mais de cem anos publicou o livro *Man and Nature*, ou *Physical Geography as Modified by Human Action* (1864), no qual pela primeira vez surge a questão do impacto destrutivo das atividades humanas sobre o meio-ambiente.

Ao publicar sua tese, David Lowenthal (1958) se tornou seu principal biógrafo. Em *George Perkins Marsh: Versatile Vermounter*, além de tratar das questões geográficas, salienta a versatilidade de

Marsh, um autodidata que falava vinte línguas, era advogado, editor, fazendeiro, professor e político que terminou sua vida como diplomata-embaixador na Turquia (1843-1849) e na Itália (1861-1882), onde faleceu.

Hoje Marsh é mais citado que seu biógrafo, que, aliás, voltou à sua obra produzindo um novo livro, intitulado *George Perkins Marsh: Prophet of Conservation* (Lowenthal, 2000), no qual revisa sua biografia publicada há mais de quarenta anos, enfatizando agora o pioneirismo de Marsh como conservacionista. Foi o primeiro a descrever a interdependência das relações sociais e ambientais. Como Humboldt, que considerava a descrição da natureza profundamente entrelaçada com a história. Como Lyell, que em seus *Princípios de Geologia* afirmava que o mundo não havia sido formado por grandes catástrofes, como o dilúvio, mas por processos naturais graduais e ainda ativos, como o vento, erosão pluvial, vulcões e terremotos. Como Darwin que, parcialmente influenciado por Lyell, em sua *Teoria da Seleção Natural* questionou a imobilidade e estanqueidade atribuída aos seres vivos, impondo-nos a nova temporalidade da evolução.

Marsh talvez tenha sido o primeiro a sugerir que os homens são agentes da mudança ambiental ou "agentes de distúrbios" (*disturbing agents*). Redefiniu o transcendentalismo preconizado por seu primo James Marsh, reitor da Universidade do Vermont, que unia o idealismo ao pragmatismo. Não era um conservacionista, ou um primitivista, como outros transcendentalistas norte-americanos. Admirava a natureza, mas acreditava que o selvagem deveria ser domesticado. Advogava decisões baseadas na prática e no aumento do comando sobre a natureza. Posição, por sinal, destacada por Lowenthal (2000) em sua biografia mais recente.

Falando sobre a juventude de Marsh no Vermont, Lowenthal destaca essa temporalidade cambiante de um ambiente em rápida transformação, como influência marcante da elaboração de Man and Nature:

Este não era um panorama estático, mas de fluxos incessantes, transformado rapidamente pelas forças que George Marsh descreveu de forma memorável em Man and Nature. Trinta anos de desmatamento e plantio converteram os bosques das bases dos montes que cercam Woodstock em campos e pastagens. Nas partes altas, nas vertentes abruptas a floresta também recuou, com a demanda por combustível e os efeitos do desregramento dos pioneiros, que cobraram seu preço. O escoamento da chuva e da neve nas encostas aceleraram a erosão, exaurindo os suprimentos abundantes de peixe e caça. Enchentes constantes destruíram pontes e moendas (Lowenthal, 2000:4).

É exatamente na História que Marsh procurara as raízes da destruição ambiental promovida pela ação humana. Seu exemplo paradigmático é o Império Romano que, segundo o autor, promoveu sua própria destruição a partir de relações sociais impostas aos povos conquistados. Nestas relações se desconheciam os elos entre as sociedades locais e seus ambientes, ou seja, a imposição de novos costumes sem considerar seu impacto levou à ruína do ambiente. Como conclusão:

A ação humana (...), realizada segundo os modos aqui descritos, é incapaz de medir sua consequência imediata, e mais ainda sua consequência final. No entanto, nossa incapacidade de atribuir valores definitivos às causas dos distúrbios nos arranjos naturais não é motivo para ignorarmos sua existência

em qualquer visão geral das relações entre homem e natureza, e não podemos justificá-las assumindo-as como insignificantes porque sua medição é desconhecida, ou inclusive porque efeito físico algum pode ser traçado agora para isso desde suas origens. (...) A compilação dos fenômenos deve preceder sua análise, e cada fato novo ilustrativo da ação e reação entre a humanidade e o mundo material a seu redor é um novo passo em direção à determinação da grande questão, se o homem está na natureza material ou além dela (Marsh, 2004).

O conhecimento aprofundado de Lowenthal sobre a obra de Marsh teve ocasião de ser confrontado com sua experiência enquanto professor da Universidade das Índias Ocidentais. Em artigo intitulado "Caribbean Views of Caribbean Land", o autor observa que diferentemente de outros locais onde os aspectos da vida humana estão ligados ao meio, no Caribe a associação entre o homem e a terra se expressa unicamente em termos de mercadoria (Lowenthal, 1961).

Essa visão economicista do território é, no entanto, rechaçada pelo autor, sua explicação se volta para os fundamentos desta apropriação capitalista do território, a de que há uma inveterada discordância entre certas terras do Caribe e seus habitantes:

(...) Resumindo, o Caribe é um lugar mas não um povo. Lembra generalização étnica, social ou cultural: forma alguma de assentamento, tipo algum de economia, língua alguma, religião, ou grupo étnico únicos, padrão algum consistente de costumes nem sistema predominante de valores (Lowenthal, 1961:1).

No Caribe todos são estrangeiros, pois os nativos foram aniquilados; as ilhas são dirigidas por governos alheios problemas locais; os proprietários vêem as terras como simples fontes de dinheiro. Como resultado, as ligações com a terra são desprezadas, ao menos pela elite. Para os nativos pobres, significa liberdade para os núcleos de escravos fugitivos. Significa também solidariedade comunitária, prestígio individual e fonte de inspiração e recreação. A Geografia deve procurar na História os motivos desta falta de identidade territorial e, ao mesmo tempo, procurar na memória as profundas ligações dos desfavorecidos com essa terra para onde foram arrastados à força.

Publicada no mesmo ano, *Geography, Experience and Imagination: Towards a Geographical Epistemology* (Lowenthal, 1961), versão do trabalho apresentado no XIX Congresso Internacional de Geografia, realizado em 1960 em Estocolmo, retoma questões enunciadas por Wright (1947) havia uma década: o estudo das novas terras incógnitas de nossa mente, de suas imagens, e sua relação com o mundo exterior (Lowenthal, 1961).

Nesta proposta que pretendia estabelecer novos parâmetros epistemológicos para a Geografia, Lowenthal recorreu a artigos de diversos profissionais: antropólogos, arquitetos, escritores e psicólogos, entre outros. Sua advertência inicial não pretendia se ater aos métodos da disciplina, mas sim realizar um ensaio sobre a teoria do conhecimento geográfico.

Fazer uma pesquisa epistemológica (...) que se preocupa com todo o pensamento geográfico, científico e outros: como é adquirido, transmitido, alterado e integrado a sistemas conceituais, e como seu horizonte varia entre indivíduos e grupos. Especificamente, é um estudo daquilo que Wright chama de geosofia (Lowenthal, 1961:244, nota 2).

Baseia-se na idéia de que a curiosidade geográfica, assim como a curiosidade humana em geral, enfoca o conhecimento e idéias acerca do homem e seu meio (Lowenthal, 1961:242). Desse modo, os pontos de vista que se relacionam com as formas e conteúdos variáveis da Terra motivados por expectativas que variam temporalmente, e com fatos que agrupamos ou que nos aparecem isolados e amorfos gerarão aspectos universalmente aceitos sobre o mundo. Por outro lado, esta nossa visão do mundo só é compartilhada segundo algumas pré-condições, como as de gênero e idade, que a tornam transitória, mudando a cada geração, apesar da capacidade do passado de retardar a mudança no consenso geral (Lowenthal, 1961b:246).

Essas elaborações teóricas estão ligadas às idéias de Wright – também um geógrafo voltado para o estudo da História, um medievalista – sobre a importância da Microgeografia. Lowenthal comenta as proposições de seu antecessor:

A terra cognita pessoal é (...), de muitos modos, distinta do domínio compartilhado do conhecimento. É muito mais localizada e restrita ao espaço e ao tempo. (...) Trata-se de partes de mundos pessoais não incorporados à imagem geral. Tanto territorialmente como de qualquer outra maneira, cada ambiente pessoal é ao mesmo tempo mais e menos inclusivo que o senso comum (Lowenthal, 1961:248).

Será a história, a partir do compartilhamento da experiência, aquilo que balizará nossas ações no espaço? Pois:

Embora os ambientes pessoais em alguns aspectos estejam aquém e em outros transcendam a realidade

consensual mais objetiva, se assemelham, ao menos em parte, a ela. O que as pessoas percebem pertence sempre ao mundo "real" compartilhado por todos. (...) Entretanto, independente de estarmos parados ou em movimento, nosso ambiente está sujeito à brusca e muitas vezes drástica mudança. Conseqüentemente, precisamos aprender a ver as coisas não apenas como são, mas também como poderão vir a ser (Lowenthal, 1961:249).

O passado, então, é determinante da constituição de nossa visão de mundo. Segundo o autor: "O conhecimento pessoal, assim como o geográfico, é uma forma de ocupação seqüencial. Assim como uma paisagem ou um ser vivo, cada mundo pessoal teve um curso no tempo, uma história própria" (Lowenthal, 1961:258).

Quase quinze anos seriam dedicados por Lowenthal à procura de fundamentação, digamos, empírica para sua proposta epistemológica. Neste estudo as humanidades e as artes, como rico material que relaciona as facticidades pessoais às coletivas, foram objeto privilegiado de análise. Desse modo, a relação profunda, para não falar indissolúvel, entre a paisagem inglesa e os gostos de seu povo, com os aspectos mais triviais de sua cultura, é analisada em dois artigos fundamentais: "The English Landscape" (Lowenthal e Prince, 1964) e "English Landscape Tastes" (Lowenthal e Prince, 1965). A conquista pelos europeus do espaço americano e, em contrapartida, sua submissão a novos cânones espaciais são analisadas magistralmente em "The American Scene" (Lowenthal, 1968), "The Place of the Past in American Landscape" (Lowenthal, 1976) e "The Bicentennial Landscape: a Mirror Held Up the Past"

(Lowenthal, 1977). Estes artigos podem ser identificados como uma tentativa de se promover a geosofia histórica (Holzer, 1992).

Dentre estes não poderia deixar de comentar o artigo "Past Time, Present Place: Landscape and Memory" (Lowenthal, 1975), no qual o autor, a partir de um bom número de fontes literárias, discute os modos como a apropriação e a modificação do passado podem influir na constituição de novas paisagens. Enfatiza como a durabilidade de muitos artefatos e outros traços do passado geram sentimentos e adições que vão se acumulando, contribuindo para manter a presença do passado em forma de nostalgia. Nosso passado seria alterado e conformado por nossa memória, gerando a reconstrução e até invenção de cenas passadas, o que pode fazer de determinadas paisagens relíquias do que realizou a fantasia histórica.

No livro *Geographies of the Mind: Essays in Historical Geosophy in Honour of John K. Wright* (Lowenthal e Bowden, 1976) – daí minha proposta de classificá-los como geosofia histórica – pode-se encontrar uma série de artigos que exploram as possibilidades de utilização de fontes ligadas à humanidade para a reconstrução da vida cotidiana passada e sua contribuição para a criação de novas paisagens culturais.

Nele, J. Allen, por exemplo, estudava a contribuição das terras míticas para a construção da Geografia; Porter e Lukermann, Geografia da utopia; Bowden, os desertos na imaginação americana; Lowenthal, paisagem americana no passado; e Mike-sell, as mudanças operadas na ocupação do espaço norte-americano.

Toda essa trajetória de pesquisas relacionadas à Geografia, à História e à memória culminou com o

lançamento do livro *The Past is a Foreign Country* (Lowenthal, 1985), obra monumental que não pode ser limitada ao espaço deste artigo. Vou, portanto, comentar um capítulo intitulado "Como Podemos Conhecer o Passado".

Neste capítulo, Lowenthal se propõe a indicar caminhos para avaliar o passado como pré-condição para atingirmos nosso autoconhecimento, e o conhecimento do passado aponta para uma miríade de caminhos. Esta é uma das facetas do projeto da Geografia Cultural-Humanista e que coloca, como propõe o autor, duas questões fundamentais: como podemos conhecer o passado? Como podemos adquirir esta bagagem essencial? (Lowenthal, 1985:185).

A resposta a estas perguntas pode nos remeter a uma concepção fenomenológica do passado, porque partem da constatação de que ele nos cerca e nos satura, de que todo nosso conhecimento está firmemente atado a ele, motivo de muitos resíduos de nossas experiências passadas permanecerem inconscientes, o que demanda um esforço consciente para que possamos reconhecê-los.

O problema pode ser ainda mais complexo se nos referirmos ao pensamento ocidental que, segundo muitos pesquisadores, é o único a distinguir temporalmente o passado do presente. Apesar disso, na vida cotidiana experimentamos o passado ao mesmo tempo coexistente e distinto do presente (Lowenthal, 1985:186).

Tuan, aliás, em texto inspiradíssimo, "Space, Time, Place: a Humanistic Frame" (1978), observa como espaço, tempo e lugar estão indissolivelmente ligados pela experiência. O tempo, portanto, está presente nos conceitos de espaço e lugar em diferentes escalas, seja no espaço mítico, como tempo cosmogônico (o

das origens do homem), humano ou astronômico, seja no modelo greco-hebraico adotado pelos ocidentais e que oscila sempre entre um modelo cíclico (grego) e outro unidirecional (hebreu).

Segundo Lowenthal, apesar de as relações humanas com o passado variarem de cultura para cultura e até de pessoa para pessoa, existem algumas vias que o tornam apreensível pela consciência. Essas rotas são a memória, a História e as relíquias. O autor observa:

Amemória e a História são processos de introspecção, cada um envolvendo componentes do outro e com limites obscuros. Apesar disso, são normal e justificadamente distintas: a memória é inescapável e matéria-prima indubitável, a História é contingente e empiricamente testável. Diversamente da memória e da História, as relíquias não são processos, mas seus resíduos. As relíquias feitas pelo homem são chamadas de artefatos, as naturais não possuem um nome próprio. Ambas atentam o passado biologicamente através do envelhecimento e desbotamento, e historicamente através de formas e estruturas anacrônicas (1985:187).

As rotas para apreendermos o passado nos colocam uma outra questão: como podemos estar seguros de que refletem o acontecido? Segundo Lowenthal, ele não pode ser conhecido como o presente, porque o que conhecemos como passado não pode ser experimentado assim como o presente o é. A própria paridade do que passou com os vestígios que restaram não pode ser provada. Portanto, nossa capacidade de compreender o passado é deficiente. Seu caráter depende, então, de como é conscientemente apreendido, de como se dá esta apreensão e de como ganha forma sua compreensão (1985:188-193).

Retomamos, portanto, a proposta de Lowenthal de que a Geografia estuda sempre, junto com a História, um país estrangeiro. Mas este tem muito a nos ensinar, como o próprio autor demonstra retornando à biografia de George Perkins Marsh (Lowenthal, 2000), ao concluir que Man and Nature marca um novo e moderno modo de olhar o mundo, mostrando que as ações humanas podem ter conseqüências inimagináveis sobre o espaço e nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORRÊA, Roberto Lobato. "Carl Sauer e a Geografia Cultural". Revista Brasileira de Geografia. 51 (1). 1989, 113-122.
- HOLZER, Werther. A Geografia Humanista – Sua Trajetória de 1950 a 1990. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992 (dissertação de mestrado).
- LEWIS, Peirce. Axioms for Reading the Landscape. In: MEINIG, D. W. (ed.). The Interpretation of Ordinary Landscapes: Geographical Essays. Oxford: Oxford University Press, 1979, pp. 11-32.
- LOWENTHAL, David. George Perkins Marsh: Versatile Vermonter. Columbia University Press, 1958.
- "Caribbean Views of Caribbean Land". Canadian Geographer. 2 (1). 1961a, pp. 1-9.
- "Geography, Experience and Imagination: Towards a Geographical Epistemology". In: CHRISTOFOLETTI, A.. Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1982, pp.103-141.
- "The American Scene". Geographical Review. 58(1). 1968, pp. 61-88.
- West Indians Society. Oxford: Oxford University Press, 1972.
- "The Caribbean Region". In. MIKESSEL, M. W.(ed.). Geographers Abroad: Essays on the Problems and Prospects of Research in Foreign Areas. Chicago: University of Chicago (Department of Geography research paper n° 52), 1973, pp. 47-69.
- LOWENTHAL, David. "Past Time, Present Place: Landscape and Memory". Geographical Review. 65(1). 1975, pp. 1-36.
- "The Bicentennial Landscape: A Mirror Held Up the Past". Geographical Review. 67(3). 1977, pp.253-267.
- The Past Is a Foreign Country. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- George Perkins Marsh: Prophet of Conservation. Washington: University of Washington Press, 2000.
- LOWENTHAL, David & BOWDEN, M. J.. Geographies of the Mind: Essays in Historical Geography in Honour to John K. Wright. New York: Oxford University Press, 1985.
- David & PRINCE, Hugh. "The English Landscape". Geographical Review. 54 (3). 1964, pp.309-346.
- English Landscape Tastes. Geographical Review. 55 (2). 1965, pp.186-222.
- MARSH, George Perkins. Man and Nature ou The Earth as Modified by Human Action. Cambridge: Harvard University Press / Belknap Press, 1964.

MERLEAU-PONTY, Maurice.. Fenomenologia da Percepção. Rio de Janeiro/São Paulo: Freitas Bastos, 1971.

-----. Ciências do Homem e Fenomenologia. São Paulo: Ed. Saraiva, 1973.

SAUER, Carl Ortwin. "Recent Developments in Cultural Geography". In: CORRÊA, R.L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). Geografia Cultural: um século (1). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2000: pp.15-98.

-----. "The Fourth Dimension of Geography". In: Callahan, B.

(ed.). Selected Essays 1963-1975 – Carl O. Sauer. Berkeley: Turtle Island Foundation, 1981, pp. 279-286.

-----. The Morphology of Landscape. In: LEIGHLY, John (ed.). In: CORRÊA, R.L. & ROZENDAHL, Z. (orgs.). Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998, pp. 12-74.

-----. "The Education of a Geographer". In: LEIGHLY, John (ed.). Land and Life – a Selection from the Writings of Carl Ortwin Sauer. Berkeley: University of California Press, 1983b, pp.389-404.

ABSTRACT

IN THIS TEXT, I INTEND TO EXPLORE THE RELATIONSHIP BETWEEN CULTURAL GEOGRAPHY AND HISTORY STARTING WITH THE WORK OF DAVID LOWENTHAL AND, FROM THAT POINT, APPROACH THE WORK OF GEORGE PERKINS MARSH AND CARL SAUER. MORE THAN A FORERUNNER, IT CAN BE SAID THAT DAVID LOWENTHAL WAS ONE OF THE PRIMARY CREATORS OF THAT WHICH BECAME KNOWN AS CULTURAL-HUMANISTIC GEOGRAPHY. CONSOLIDATED DURING THE 60'S, HIS WORK WAS CONSIDERED TO BE AT THE VANGUARD AND IT CONTRIBUTED TO THE RESHAPING OF GEOGRAPHY. THE TEXT INVESTIGATES THE RECURRING DISCUSSION OF CONCEPTS OF SPACE IN THE COURSE OF LOWENTHAL'S WORK, PARTICULARLY THOSE REGARDING ENVIRONMENT AND LANDSCAPE, FROM A VIEWPOINT WHICH USES HISTORY AND MEMORY AS THE CONDUCTING THREAD OF AN ANALYSIS THAT SEEKS TO CLARIFY THE ROLE OF EXPERIENCE AND IMAGINATION IN THE CONSTRUCTION OF GEOGRAPHIC CONCEPTS. IN THIS ANALYSIS, SOME IMPORTANT PUBLICATIONS OF THE AUTHOR ARE FOCUSED UPON, SUCH AS GEORGE PERKINS MARSH: VERSATILE VERMOUNTER, THE PAST IS A FOREIGN COUNTRY AND GEORGE PERKINS MARSH: PROPHET OF CONSERVATION, IN WHICH LOWENTHAL'S PROPOSAL THAT GEOGRAPHY IS ALWAYS STUDYING A FOREIGN COUNTRY IS AGAIN TAKEN UP, AND THAT CULTURAL GEOGRAPHY AND HISTORY COME TOGETHER IN THE STUDY OF THAT COUNTRY. HOWEVER, THAT FOREIGN COUNTRY HAS MUCH TO TEACH US, DEMONSTRATING THAT HUMAN ACTIVITY MAY HAVE UNIMAGINABLE CONSEQUENCES ON SPACE AND ON OUR LIVES.

KEYWORDS: LOWENTHAL, CULTURAL HUMANISTIC GEOGRAPHY, HISTORICAL GEOGRAPHY.